

INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA

Marx, Durkheim e Weber, referências fundamentais

introdução à

Maura Pardini Bicudo Vêras

SO CIO LOGIA

Marx, Durkheim e Weber, referências fundamentais



PAULUS

Direção editorial
Claudio Avelino dos Santos

Coordenação editorial
Jakson Ferreira de Alencar

Revisão
Caio Pereira

Projeto gráfico e capa
Walter Mazzuchelli

Produção editorial
AGWM produções editoriais

Impressão e acabamento
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Véras, Maura Pardini Bicudo

Introdução à sociologia : Marx, Durkheim e Weber,
referências fundamentais / Maura Pardini Bicudo Véras. – São
Paulo : Paulus, 2014. – (Coleção Introduções)

Bibliografia.

ISBN 978-85-349-3813-6

1. Durkheim, Émile, 1858-1917 2. Marx, Karl, 1818-1883
3. Sociologia 4. Weber, Max, 1864-1920 I. Título. II. Série.

13-13288

CDD-301

Índices para catálogo sistemático:

1. Sociologia

301

1ª edição, 2014

© PAULUS
Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700 – Fax: (11) 5579-3627
www.paulus.com.br
editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3813-6

Sumário

Introdução

Uma sociologia da sociologia	»	7
1. Iluminismo, o Século das Luzes, a <i>Aufklärung</i> , o Liberalismo	»	9
2. Modernidade e a questão social. A multidão	»	12
3. O pensamento conservador	»	16
4. Perspectivas teóricas da sociologia. A herança clássica	»	25
5. As ideias-elementos da sociologia	»	26
6. Resgatar ou esquecer os clássicos	»	30
Referências bibliográficas	»	32

I A sociologia da ordem: Émile Durkheim e o organicismo-positivismo	»	33
1. Divisão do trabalho na sociedade	»	35
2. O método da sociologia	»	41
3. O suicídio	»	56
4. As formas elementares da vida religiosa	»	64
5. Avaliação crítica sobre a postura durkheimiana	»	73
6. Questões de aprofundamento sobre a obra de Durkheim	»	84
Referências bibliográficas	»	87

II A sociologia do conflito, a perspectiva do materialismo histórico-dialético	»	91
1. Os pontos de partida da análise marxista. Contexto histórico	»	91
2. Os pontos de partida da análise marxista: <i>A ideologia alemã</i> e o prefácio de <i>Contribuição à crítica da economia política</i>	»	112
3. Características essenciais da produção capitalista (<i>Salário, preço e lucro; O capital; Trabalho assalariado e capital</i>)	»	128
4. A mais-valia relativa: cooperação, manufatura, maquinaria e grande indústria. Acumulação capitalista e exército industrial de reserva	»	150
5. Classes sociais e luta de classes: resgatando o debate	»	175
6. Avaliação crítica sobre a perspectiva do materialismo histórico-dialético	»	184
7. Questões de aprofundamento sobre a perspectiva do materialismo histórico-dialético	»	195
Referências bibliográficas	»	197

III	A perspectiva da sociologia	
	compreensiva: Max Weber	» 201
	1. Breve apresentação: o caráter problemático da sociedade alemã da época; a intelectualidade. Influências intelectuais próximas a Weber	» 201
	2. <i>Ciência como vocação</i> . Objetividade do conhecimento em ciências sociais. O tipo ideal	» 221
	3. Conceitos sociológicos fundamentais: considerações iniciais e metodológicas. A ação social	» 239
	4. Sociologia política. Os tipos de dominação	» 265
	5. Weber e a história: o capitalismo	» 294
	6. Avaliação crítica da postura weberiana	» 326
	7. Influência de Weber na sociologia e no Brasil	» 334
	8. Questões de aprofundamento sobre a sociologia compreensiva: Max Weber	» 335
	Referências bibliográficas	» 339
	Sobre a autora	» 343

Uma sociologia da sociologia

Escrever um livro de introdução à sociologia é tarefa com dupla característica. De um lado, é prazerosa por compartilharmos conceitos, visão de mundo, pressupostos, valores, métodos e técnicas que têm sido oportunos para a compreensão/intelecção do mundo moderno, o que nos proporciona sempre a sensação de alguma utilidade ao prestarmos esse serviço aos nossos contemporâneos, principalmente em se tratando de estudantes que se iniciam nesse campo de conhecimento. De outro ângulo, o trabalho não é fácil, pois trata-se de escolher o essencial da variada e multifacetada gama de precursores, autores, filósofos e pensadores, sem perder a diversidade, registrar polêmicas e debater as consequências das escolhas feitas.

Nossa opção foi apresentar conceitos, teorias e métodos no contexto histórico em que foram criados, que se constituíram em respostas intelectuais aos desafios gerados pelas sociedades de suas épocas e emolduraram essa produção científica. Propomo-nos, pois, a realizar uma sociologia da sociologia, convencidos de que uma interrogação do que se configura como objeto de reflexão sociológica carrega intrinsecamente uma inquietação com o *status quo* vigente, ou para transformá-lo radicalmente, que denotaria uma intenção revolucionária, ou para conservá-lo, do mesmo jeito em que está, ou ainda para conservá-lo em linhas gerais, mas com reformas para melhorar aspectos que não apreciamos. Em outras palavras, as perspectivas pelas quais se constroem as visões da ciência sobre a sociedade são impregnadas de crítica/rejeição/aceitação, total ou parcialmente, das condições sociais em que vivem os cientistas. Tais influências sociais podem ser chamadas de valores, cultura, “bias”, ideologia, pré-noções; enfim, como a elas se referiram muitos sociólogos, desde os precursores clássicos. As posições que os cientistas ocupavam na sociedade, suas redes de referência, influenciavam as posições teóricas que os caracterizariam. Há, portanto, uma natureza sociológica na sociologia (Fernandes, 1980).

Dessa forma, no século XIX, quando pela primeira vez Auguste Comte (1798-1857) utilizou a palavra “sociologia”, vivia-se o predomínio do conhecimento científico. Por outro lado, a França e a Inglaterra eram palco de enormes transformações sociais. A ideia de multidão, plebe, malta, turba assustava a elite dominante, pois as revoluções dos séculos anteriores, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, principalmente, haviam trazido

para o cenário europeu uma nova realidade. Entre esses fatos destacava-se a presença da classe trabalhadora nas cidades, em aglomeração cada vez maior, e sem condições adequadas de abrigo/alojamento, pois também não havia trabalho para todos (Hobsbawn, 1982). Com seus contrastes e desigualdades sociais, configurava-se, na história, a modernidade.

Por isso é importante caracterizar a sociedade europeia desse século XIX, ambiente em que emerge a preocupação com o social com formato científico, mas com intenções de reformar, revolucionar ou conservar suas condições existentes.

1. Iluminismo, o Século das Luzes, a *Aufklärung*, o Liberalismo

É preciso recuar um pouco, até o século XVIII, para compreender a força das ideias revolucionárias liberais para a transição para os anos 1800. A importância da razão para a autonomia humana é uma das distinções do período das Luzes. Uma das melhores visões do período pode ser obtida na resposta de I. Kant à pergunta: “O que é a *Aufklärung*?”. Apesar de o Iluminismo ter sido diferenciado entre os países da Europa, pode-se assumir com Kant que representou a saída do homem da minoridade para a maioridade, graças à conquista da Razão, que deixa de ser um atributo inato do ser humano, para tornar-se faculdade que deve ser desenvolvida, crítica, levando à autonomia e à liberdade. O homem que não desenvolve sua razão deve ser tutelado, no caso pela Igreja ou pelo Estado. Era preciso, pois, libertar o homem dessa tutela e deixá-lo ser guiado pela própria racionalidade que o levaria a ser livre e autônomo.